



OS MENINOS DO BECO DO COTOVELO

MORGANA RÉGINA PONTE MONTE¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar quais os possíveis fatores que influenciam a ida das crianças para as ruas. Para isso foi utilizada na metodologia, com método qualitativo, uma entrevista semiestruturada com cinco crianças em situação de rua (os nomes das crianças dentro do trabalho serão fictícios para que as imagens das mesmas sejam preservadas), entre 6 a 12 anos incompletos, do sexo masculino, que frequentam as proximidades da Praça Coluna da Hora e Pastelaria o Chinês, localizadas, respectivamente, na frente e na esquina do Beco do Cotovelo. Sendo de fundamental importância uma pesquisa bibliográfica em autores como: Philippe Áries, Irene Rizzini, Maria Filomena Gregori e outros. De acordo com os resultados coletados nas entrevistas, os relacionamentos familiares são fatores preponderantes para a ida das crianças às ruas, embora se deva considerar muitos outros fatores como a própria identificação das crianças com as ruas, o uso de drogas, a influência dos amigos, entre muitos outros. Percebe-se que a realidade das crianças em situação de rua constitui-se de um emaranhado de acontecimentos e situações que não podem ser interpretadas de maneira isolada.

Palavras-chave: *criança, rua, vínculos familiares.*

Abstract: The present study aims to analyze the possible factors that influence the children 's going to the streets and with that to raise subsidies for the assistant' s performance with these children. For this purpose, a semi-structured interview with five street children (the names of the children within the paper will be fictitious so that the images are preserved) was used in the qualitative method, between 6 and 12 years of age, male, who frequent the Praça Coluna da Hora and Pastelaria o Chinês, located respectively in the front and corner of Elbow Street. being of fundamental importance a bibliographical research in authors like: Philippe Aries, Irene Rizzini, Maria Filomena Gregori and others. According to the results collected in the interviews, family relationships are preponderant factors for children going to the streets, although many other factors must be considered, such as the identification of children with the streets, drug use, influence of friends, among many others. It is perceived that the reality of street children is a tangle of events and situations that can not be interpreted in isolation.

KEY WORDS: *child, street, family bonds.*

INTRODUÇÃO

A questão social, compreendida como o “conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura” em que “a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade” tem gerado uma série de problemáticas que afeta toda a sociedade brasileira. (IAMAMOTO, 2007, p. 27).

¹ Bacharel em Serviço Social pela *Faculdade INTA*. Especialista em Gestão de Políticas Públicas. Especialista em Saúde Mental. Acadêmica do 4º semestre do Curso de Direito pela *Faculdade Luciano Feijão (FLF)*. E-mail: ganinharegina@hotmail.com



Dentre essas problemáticas pode-se destacar a questão das crianças em situação de rua. A gravidade da questão tem gerado diversos debates e estudos nesse sentido de compreender melhor essa realidade em que vivem milhões de jovens brasileiros e levantar subsídios para o enfrentamento dessa problemática.

Entregues à própria sorte, essas crianças procuram na rua um meio de sobrevivência, sendo obrigadas a abdicar de todos os seus direitos básicos, como a oportunidade de um desenvolvimento saudável, o contato com a família, a escolaridade, entre muitos outros, e perambular pelas ruas sem quase nenhuma proteção que as livre do cruel estigma da sociedade. As consequências dessa realidade são bastante divulgadas pela mídia e vistas no dia a dia, embora, na maioria das situações, não se preste à devida atenção à essa bruta realidade ou a trate de uma maneira normal, como se sempre tivesse existido e não se há nada a fazer. (RIZZINI, 2003).

Na cidade de Sobral, localizada na região Noroeste do Estado do Ceará, a 238 km da capital Fortaleza, a questão das crianças em situação de rua também se faz presente, constituindo de uma problemática que merece muita atenção, já que compromete seriamente o futuro de pequenos cidadãos que também são possuidores de direitos. A realidade das crianças em situação de rua na cidade de Sobral não é muito diferente daquela presenciada nos grandes centros urbanos do país. A discriminação, o preconceito, a violência, a miséria e o estigma social também comprometem a qualidade de vida dessas crianças que não encontram em seus lares ou no meio social em que vivem as condições necessárias para uma vida plena e equilibrada.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo central analisar quais os possíveis fatores que influenciam a ida das crianças para as ruas e com isso levantar subsídios para a atuação dos profissionais da área social junto a essas crianças. Espera-se que o presente estudo seja útil para todos os profissionais configurando-se como instrumento de compreensão da realidade e sensibilizando toda a sociedade para a questão que merece uma atenção especial, já que se envolve diretamente o futuro de nossas crianças e, consequentemente, do nosso país. Vale ressaltar que os nomes das crianças utilizadas nas



entrevistas dentro deste trabalho são nomes fictícios, com o objetivo de preservar a imagem das mesmas.

AFINAL POR QUE AS RUAS?

Havia 4 meninos “maltrapilhos”, descalços e sujos, suas roupas eram desajeitadas em seus corpos, os pés rachados e sujos estavam em contato direto com a calçada do Beco do Cotovelo, todos eles estavam encostados na parede de uma famosa pastelaria chinesa do beco. Após alguns minutos parada ali observando cada movimento, cada gesto, cada palavra, cada gíria... chegou outro menino com as mesmas características dos outros 4, um deles disse ao menino que havia chegado: “Ei, Sorriso eu já tenho 3 reais só de moedas”! A partir dessa observação os sujeitos escolhidos para a minha pesquisa estavam ali na minha frente... agora meu passo era ganhar a confiança de cada um daqueles que chamavam atenção dos que passavam por ali e descobrir qual o motivo que os atraíu até a rua”! (Trecho de diário de campo).

CONHECENDO O CENÁRIO DA PESQUISA

Antes de entrarmos em nosso objeto de discussão é necessário contextualizar o cenário que foi realizado a pesquisa. Também conhecida como Princesa do Norte, a cidade de Sobral é rica em expressões culturais. A preservação de seus casarões e igrejas antigas, as manifestações folclóricas, o Teatro São João, a Casa da Cultura, o Museu Dom José, o Arco de Nossa Senhora de Fátima e diversos outros pontos turísticos apresentam a história do povo sobralense.

Dentre os cartões-postais de Sobral está o famoso Beco do Cotovelo, uma pequena rua em forma de curva, localizada no coração da cidade, entre a Rua Velha do Rosário, hoje Cel. José Sabóia e a Rua Nova do Rosário, atualmente Cel. Ernesto Deocleciano. Famoso por ser o principal ponto de encontro daqueles que querem saber das notícias da cidade, especialmente de aspecto político, o Beco do Cotovelo também é passagem obrigatória dos visitantes ilustres que chegam à cidade. Também no Beco encontram-se bares, restaurantes, loterias, vendedores ambulantes, artistas, bancas de jornais e revistas, entre outros estabelecimentos. São quase 170 anos de história que expressam a tradição popular sobralense: “Local pitoresco, lúdico, de encontros, da memória e dos costumes” (AGUIAR JÚNIOR, 2005, p. 33).



Mas não é só de histórias e visitantes ilustres que vive o famoso Beco do Cotovelo. Ele também é palco de uma realidade muito triste que atinge as principais cidades do país. Nele, diversas crianças em situação de rua dividem esse movimentado espaço com seus visitantes e trabalhadores. Já bem cedo se percebe o movimento das crianças que, juntamente com os adultos e mesmo de forma mais cruel, por sua fragilidade, lutam pela sobrevivência. Os dados da pesquisa foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas tendo como informantes cinco crianças do sexo masculino em situação de rua que circulavam nas proximidades do Restaurante do Chinês, localizado na esquina do conhecido Beco do Cotovelo em Sobral.

Os meninos do Beco do Cotovelo - interagindo com os sujeitos da pesquisa.

Fábio² mora no parque Santo Antônio é conhecido como “Sorriso” (recebeu esse apelido porque ri muito), tem 12 anos de idade, segundo ele, faz mais ou menos um ano e meio em que passa a maior parte de seu tempo nas ruas, indo para casa da mãe ou da avó somente à noite.

José mora no parque Santo Antônio, tem o apelido de “Bigão” (recebeu esse apelido por ter o umbigo grande), tem 12 anos de idade e mora com a mãe, mas passa boa parte do dia nas ruas. O mesmo disse que morava no Parque Santo Antônio com a mãe, irmã e o avô.

Davi, também reside no Parque Santo Antônio, tem 10 anos de idade seu apelido é “Babá”, mora com a mãe e o pai, mas passa a maior parte do tempo pedindo moedas na rua. Às vezes não dorme em casa.

Marques, mora no bairro do Sumaré, tem 11 anos e é conhecido como “Fofão” (pelo tamanho de suas bochechas). Mora na rua e tem pouco contato com a mãe, pois a mesma reside em outra casa com seu companheiro (o qual Marques chama de Lobo).

Mesmo, passando maior parte do tempo nas ruas, estas crianças ainda voltam para a casa de seus familiares. Que de acordo com Pereira (2006) a família é forte e fraca:

Forte, porque ela é de fato um locus privilegiado de solidariedade, no qual os indivíduos podem encontrar refúgio contra o desamparo e a insegurança da existência. Forte, ainda, porque é nela que se dá, via de regra, a reprodução

² Nome fictício, para preservar a imagem e o nome das crianças.



humana, a socialização das crianças e socialização de ensinamentos que perduram pela vida inteira das pessoas. Mas, ela também é frágil, pelo fato de não estar livre de despotismo, violências, confinamentos, desencontros e rupturas (p.37).

A vivência nas ruas traz uma nova realidade a essas crianças. Longe de casa e da convivência familiar, elas nascem para o mundo da rua e, mesmo de maneira informal, acabam passando por um processo de batizado, recebendo um novo nome, um apelido que, embora muitas vezes não tenha um sentido muito exato, serve como forma de identificá-las nos grupos de crianças.

Comportamentos, acontecimentos e características físicas particulares são as principais inspirações para os apelidos, embora também possa se utilizar partes do nome próprio da criança ou qualquer outra palavra que parece não ter um sentido aparente. Esse novo comportamento adotado pelas crianças Gregori (2000) chama de “viração”, para designar a forma de como as crianças que estão nessa situação sobrevivem.

Isso nos leva a crer que a criança em situação de rua procura assumir uma nova postura diante o grupo e da própria vida, seja pela nova realidade que se configura como muito diferente daquela vivenciada anteriormente, seja pela necessidade de camuflar sua identidade verdadeira. Intencionalmente ou não, ela acaba por assumir a sua nova identidade.

As drogas também fazem parte do universo dessas crianças podendo também ser consideradas como fortes motivos para a vida nas ruas sendo necessário, portanto, uma maior profundidade do tema. Todas as crianças entrevistadas na pesquisa usam cola de sapateiro e afirmaram ser esse vício uma das melhores “coisas” que encontram na rua.

A facilidade do acesso é uma questão que merece uma atenção muito especial. “Eu vi os meninos cheirando e pedi um pouquinho, aí eu gostei. A gente compra lá no Alto Novo, já, já eu vou lá pegar. O cara lá vende pra gente, a gente leva as moedas que ganha aqui! Aí ele vende.” (Fábio); “Uso cola desde o ano passado, um amigo ofereceu e eu gostei”; “cada um compra um tubo de cola que é 1 real o da garrafa pequena. A gente leva a garrafa e compra lá no Alto Novo” (José).

Essas crianças sempre começam na utilização de cola e acabam passando para drogas mais pesadas, como a maconha e o crack. Muitas delas acabam se envolvendo no mundo do



tráfico, sendo difícil uma recuperação eficaz. “Além dos solventes serem apontados como a droga ilícita mais usada por crianças e adolescentes em situação de rua, também vêm sendo apontados como a primeira droga ilícita a ser usada na trajetória destes jovens” (NEIVA-SILVA et al., 2010, p. 329-330).

Além dessa facilidade de se adquirir as drogas em Sobral, pode-se perceber que o exemplo dentro da própria família e entre os amigos faz com que as crianças vejam as drogas como algo comum, uma válvula de escape para as difíceis situações da vida. Como afirma José: “Quando eu cheiro cola eu esqueço de tudo”. Dentre as mães das crianças entrevistadas apenas uma não usava drogas. Todas as outras utilizavam, especialmente o crack, e muitas vezes o vício se estendia também aos filhos. Por falta de melhores condições financeiras as crianças ficavam apenas na cola.

Estudos de NEIVA-SILVA et al., (2010) revelam que a família é um dos fatores de maior influência para o uso de drogas entre as crianças e adolescentes. Nesse sentido, a família pode funcionar tanto como um fator de proteção como um fator de risco, sendo perceptível também o uso das drogas como instrumento de alívio para os sentimentos negativos, eventos estressantes e o sofrimento provocados pelas ruas.

Mas a vida nas ruas não se configura apenas como excesso de permissividades e prazeres imediatos e alucinógenos como o uso das drogas. Na rua essas crianças, embora ainda tenha certa ligação com suas famílias, enfrentam muitas dificuldades.

Nas entrevistas concedidas percebe-se uma existência bem diferente demais, com uma série de desafios, como a higiene corporal (mesmo que esta seja precária) e a alimentação, que devem ser superados todos os dias. “Eu como o que os outros me dão e tomo banho lá no rio ou então lá naquela lagoa ali da outra praça³. Às vezes eu pego comida do lixo ali” (Fábio).

A situação de rua é um grande obstáculo para a frequência das crianças na escola. As normas da instituição escolar, como a rigidez dos horários, as vestimentas e a obediência, contrastam-se com a individualidade e/ou regras da vida nas ruas. Das crianças entrevistadas,

³ A praça a qual a criança está se referindo fica localizada a frente do Teatro São João.



apenas uma delas estuda e mesmo assim, a frequência às aulas é eventual, não seguindo uma rotina fixa.

A dura vivência nas ruas acaba por podar todos os sonhos das crianças fazendo-os acreditar que as ruas são o único destino reservado a elas. As perspectivas de uma vida melhor são bem escassas.

Em relação à moradia, as crianças apresentam uma situação marcada pela instabilidade: “Eu morava com minha avó lá na Vila União e agora estou morando com minha mãe lá no Santo Antônio. Eu, ela e o Zezinho” (irmão do entrevistado Fábio); “Moro com a mãe e quatro irmãos no Parque Santo Antônio. Já morei com minha avó no bairro Tamarindo. Deixei minha avó pra morar na rua” (José).

Percebe-se claramente que a criança é, em parte, responsável por suas próprias escolhas em situação à moradia, levando em consideração pressupostos como as relações que mantém com os membros da casa, o grau de permissividade, os relacionamentos que mantêm com a rua, entre outros.

Muitas vezes as moradias dos familiares, especialmente da mãe e da avó, destinam-se a visitas passageiras para dormir, tomar banho, sem que aja uma rotina nessas visitas. Ou seja, um dia a criança pode tomar banho na casa da avó, outro dia pode passar na casa da mãe e assim por diante.

Os relacionamentos familiares dessas crianças em situação de rua são extremamente frágeis. Todas as crianças entrevistadas assumiram certo contato com membros de suas famílias, embora esse contato seja marcado pela violência e descaso.

As próprias vozes das crianças podem registrar essa situação: “Minha mãe é direto me chamando de vagabundo” (José) (sic). Outra criança afirmou:

Eu tô na rua por que minha mãe me bate, ela manda eu fazer uma coisa e eu não faço, aí ela me bate de fio grosso, chega a queimar. Não gosto da minha irmã não. Ela é pedreira⁴. Ela rouba as coisas. Ela só quer usar coisas boas. (Paulo, em entrevista concedida no dia 20 de maio de 2011, sexta-feira) (sic).

⁴ Linguagem usada pela criança para indicar que a irmã usa crack, no linguajar utilizado por eles a droga é conhecida por “pedra”.



Dentro desse contexto, como já foi apontado, Holanda (2008) ressalta que não existe relação familiar que não possuam momentos de conflitos e que a existência de um grupo que vivem em harmonia é irreal e inexistente.

Fábio expõe mais claramente que: “Um amigo meu me chamou e disse: Ei, Sorriso! “Bó” ali ganhá dinheiro! Eu vim e gostei e minha avó não deixava ninguém sair de casa não e lá na minha casa não tem nada pra fazer não”. (sic)

Já Davi dizia: “Acho a rua legal, eu ganho moeda”; “Na rua, o que eu vejo de mais interessante é o dinheiro” (José). Diante desses depoimentos e já sendo apontados em outros capítulos podemos ressaltar nas palavras de Holanda (2008) que mesmo vivendo em conflitos com a família, esse não é motivo deles sair de suas casas e ir para as ruas, é claro que há cobranças, intolerâncias, mas se fosse por esse motivo eles não voltariam para casa à noite.

Nesse contexto da Matta (1991) define a rua como um espaço público, um espaço de todos, onde ninguém é de ninguém, um espaço hostil onde não valem as leis e os princípios éticos, a não ser sob vigilância da autoridade. Para o autor a rua é um espaço negativo que deve ser vetado às crianças. “Pode-se dizer que casa e rua são inimigas, sendo vista como um local perigoso, sendo ocupadas por malandros, meliantes, pilantras e os marginais em geral”. (DA MATTA, 1991, p.61)

Como vimos ao longo da presente pesquisa, não se pode determinar um único fator como motivo principal para a saída das crianças para as ruas. Os vários acontecimentos que motivam às crianças a viverem na rua formam uma complexa rede de conexões, uma realidade difícil de ser compreendida por abranger diversas situações intercaladas e unidas onde também se deve considerar a subjetividade da criança e sua visão em relação ao mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho, foi perceptível que os fatores que compõem a vida nas ruas são múltiplos, como por exemplo, a relação de solidariedade com os companheiros que



vivem na mesma situação, dividindo o que ganham. Há ainda o uso de substâncias psicoativas e o envolvimento com outros tipos de drogas.

Em algumas entrevistas é perceptível que o uso de substâncias pode ter um significado variado, como exemplo esquecer problemas que afligem a mente dessas crianças, para fugir de dores diárias, ou simplesmente para serem aceitos no grupo, ou ainda porque um amigo oferece.

Outro aspecto perceptível foi que o dinheiro que essas crianças ganham pedindo é usado para comprar substâncias psicoativas para o consumo, sendo que o uso dessas substâncias muitas vezes se torna um meio de proteção dos perigos de rua.

Dentro das entrevistas pode-se dizer que a situação econômica das crianças é bastante precária, sendo que este não é o único fator que contribui para a busca da rua como local de moradia e/ou convivência. Percebe-se que as relações familiares têm peso preponderante, porém estas famílias encontram-se também fragilizadas e vulneráveis, onde os componentes acabam repetindo a mesma história de pobreza, violência e rompimento de vínculos.

Neste contexto Rizzini (2004) afirma que essas crianças crescem em condições adversas com relações afetivas fragilizadas e interrompidas com frequência, além da instabilidade e insegurança. A autora dentro de sua fala explica porque a rua exerce atração e até mais segurança em alguns casos.

Apesar de a rua ser vista pela sociedade como um lugar público de desordem, do “sem limite” para as crianças que nela vivem, a rua acaba significando um lugar onde se pode de alguma forma buscar vínculos, referências, construção de sua identidade e saborear liberdade, como por exemplo, ser dono do seu tempo e de sua vontade.

Enquanto a rua passa a ser visto pelas crianças um lugar positivo (apesar do medo e da violência), a casa não passa de um conjunto de paredes, todavia quando não vêm carregadas de sentimentos de pertencimentos, de identificação, dos “meus” e de intimidades, as paredes perdem sua importância passando a ser visto como um lugar negativo para as crianças.



Além disso, dentro de alguns depoimentos é perceptível que os companheiros das mães de alguns meninos não aceitam viver no mesmo ambiente que as crianças, fator que faz com que alguns meninos sempre procurem “seu lugar no mundo”.

Segundo Rizzini (2004) crescem desenraizada, como se não pertencesse a lugar nenhum, perambulam de um espaço a outro convivendo com exclusão, violência e principalmente o preconceito.

Essas crianças vivem marcadas pelo estigma de exclusão e violação de direitos, onde seus sonhos são limitados não lhe restando nenhuma perspectiva de futuro, sendo apenas um simples elemento da paisagem urbana, passando a ser invisível aos olhos das pessoas que passam por aquele ponto turístico tão bem frequentado. Apesar dos vários fatores que levam as crianças a fazer das ruas seu espaço de sobrevivência, não podendo tratá-los de forma isolada, é importante ressaltar a importância do fortalecimento das Políticas Públicas voltadas para essa população, evidenciando a premência de investir nos profissionais que estão a frente deste cenário de Vulnerabilidade Social.

REFERÊNCIAS

- ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: 1981. LTC.
- ALMEIDA, A. M. **Notas sobre a família no Brasil**. In: ALMEIDA A. M; CARNEIRO, M. J. e PAULA, S. G.(org). **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: espaço e tempo: UFRRJ, 1987.
- AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Família às avessas: gênero nas relações familiares de adolescentes**. Fortaleza: EUFC, 2001.
- BRASIL. Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Senado, 1990.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org). **A família contemporânea em debate**. 4 Ed. São Paulo: Educ./ Cortez, 2002.
- DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, Koognan, 1991
- ELIAS, Nobert. **A sociologia dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Fahard. Ed, 1994
- FERREIRA, Manuela. **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!** As crianças como actores sociais e a (re)organização social do grupo de pares do quotidiano de um jardim de infância. Portugal. Tese (doutorado em ciência da educação), Universidade do porto, 2002.
- FREITAS, Marcos Cezar de (org). **História Social da infância no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.



FROTA, A. M. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção**, 2007 (artigos)

GALANO, M. H. **Família e história: a família**. In: CERVENY, C M.O (org) **Família e**. São Paulo: casa do psicólogo, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

GREGORI, Maria Filomena. **Viração: experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

HOLANDA, Camila. Desvendando as histórias familiares: o sentido da família e seu lugar na rede de exploração sexual, comercial de crianças e adolescentes. In: DIÓGENES, Glória. **Os sete sentimentos capitais: exploração sexual de crianças e adolescentes**. São Paulo: annablume, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2007.

LUCCHINI, Ricardo. A criança em situação de rua: uma realidade complexa. In: RIZZINI, Irene (org). **Vida nas ruas: trajetórias inevitáveis?** Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Neiva-Silva, L., & Koller, S.H. (2002). **A rua como contexto de desenvolvimento**. Em. E.R. Hordelo, A. M. Carvalho, S.H. Koller (orgs), *infância brasileira e contextos de desenvolvimento* (pp. 205-230). São Paulo: casa do psicólogo- Salvador: Ed. UBA

PEREIRA, Potyara Amazonlida. **Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar**. In: SALES, Mione Apolinário; et.al. (org). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PEIXOTO, Clarice Ehlers (org). **Família e individualização**. 1. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RIZZINI, Irene (coord.). **Vida nas ruas crianças e adolescentes nas ruas: Trajetórias inevitáveis?** Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: São Paulo: Loyola, 2003.

RODRIGUES, R. M. (1999). **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SARMENTO, Manuel J; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. IN: pinto, Manuel, SARMENTO, Manuel. **As crianças- contextos e identidade**. Braga: IEC/ Universidade do Minho, 1997

Serviço Social & Sociedade. Criança e adolescente Ano XXVI. nº 83, setembro 2005. (revista).



CADERNOS DE
GRADUAÇÃO

vol. 4, vol. 7 (2019) - ISSN 2318.9363